

TECNOLOGIAS DIGITAIS EDUCACIONAIS: RELAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES DOS RECURSOS ÀS PRÁTICAS DE EDUCADORES

Monique Pereira Gomes

Resumo do artigo: Por se tratar de um ambiente onde perpassa uma grande parcela das fases de desenvolvimento humano, a escola deve estar preparada para agir com os indivíduos, reconhecendo suas habilidades e peculiaridades. Deve reconhecer o que é possível e favorável para o ensino e em especial o que deve servir de motivação para o sucesso acadêmico dos sujeitos envolvidos, mesmo reconhecendo a dinâmica social e a inserção de novas metodologias e recursos que agrega as tecnologias em seu cenário educacional. A proposta deste trabalho é analisar como a escola tem percebido os sujeitos educandos adolescentes, reconhecendo a fase transitória do desenvolvimento humano, a saber, a adolescência, identificando quais as contribuições das tecnologias digitais no processo ensino e aprendizagem para esses educandos, como recursos que podem favorecer o enriquecimento do conhecimento e da autonomia dos educandos em um novo cenário educacional, no qual as tecnologias estão cada vez mais presentes. Portanto, realizamos uma pesquisa do tipo exploratória, com 8 professores de escolas públicas e privadas do município de Santa Cruz do Capibaribe – PE, no período que correspondeu de agosto a novembro de 2014, com intuito de perceber como os educadores têm relacionado as características propícias da adolescência à sua ação para o ensino com os mesmos. Além de apontar em que as tecnologias podem contribuir para o ensino, desde que bem articuladas às práticas dos professores reconhecendo como as tecnologias podem ser elementos motivadores dentro do processo de ensino-aprendizagem para adolescentes. Conclui-se, pois, valorização dos sujeitos adolescentes independente das tecnologias, mas, exige-se do educador o reconhecimento da dinâmica social que agrega os recursos tecnológicos enquanto elementos que podem contribuir para motivação e, consequentemente para o processo de ensino e aprendizagem.

Palavras Chave: Tecnologias digitais, Educação, Professor, Contribuições.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, nos deparamos com uma gama de informações, às quais nos fazem pensar novas formas de aprender e ensinar. É nesse espaço de quebra de paradigmas educacionais que surge a necessidade de releituras acerca dos recursos didáticos existentes nos espaços escolares.

A educação é um dos bens culturais mais importantes e valorizados na nossa sociedade, todavia ela é dinâmica, uma vez que deve acompanhar o dinamismo que a própria sociedade se propõe. Nesse panorama social, identificamos as tecnologias como importantes recursos para o ensino. E as escolas já se percebem na obrigação de agregar novas formas de ensinar e de aprender.

É importante reconhecer o que serve como motivador para os processos de ensino, já que podem contribuir para a formação de sujeitos autônomos de seus saberes e de suas práticas. Uma vez que alunos e professores motivados têm muito a contribuir consigo mesmo, com sua



comunidade escolar e com seus objetivos pessoais. Portanto, colocamos a seguinte questão: qual a percepção dos professores sobre a motivação dos adolescentes com o uso das tecnologias digitais no processo de ensino aprendizagem? Para responder a essa questão tem-se o seguinte objetivo: analisar como os professores de escolas públicas e privadas de Santa Cruz do Capibaribe-PE percebem o que motiva os educandos adolescentes em relação à aprendizagem.

CONTRIBUIÇÕES DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

As inovações tecnológicas têm avanços muito rápidos enquanto a escola não conseguiu ainda acompanhar seu próprio tempo na tecnologia.

Desse modo é de se esperar que a escola, tenha que “se reinventar” se quiser sobreviver como instituição educacional. É essencial que o professor se aproprie de gama de saberes advindos com a presença das tecnologias digitais da informação e da comunicação para que estes possam ser sistematizados em sua prática pedagógica. A aplicação e mediação que o docente faz em sua prática pedagógica do computador e das ferramentas multimídia em sala de aula, depende, em parte, de como ele entende esse processo de transformação e de como ele se sente em relação a isso, se ele vê todo esse processo como algo benéfico, que pode ser favorável ao seu trabalho, ou se ele se sente ameaçado e acuado por essas mudanças. (SERAFIM & SOUSA, 2011, p. 18)

Por essa razão, é importante que o educador se perceba dentro de uma situação que deve acomodar as ferramentas que ele já tem domínio, com as que ele poderá vir a ter, desde que pesquise e interesse-se pelo aprendizado. Ou seja, o professor deve reconhecer seu papel de mediador do conhecimento, mas também estar aberto a novos conteúdos e domínio de ferramentas antes não exploradas. Tal domínio se exige por compreender que:

A questão da integração das tecnologias na escola tem sido alvo do interesse recente por parte de muitos investigadores que analisam esta problemática desde diferentes perspectivas e pontos de vista. Todos tentam encontrar razões para justificar tanto os casos de sucesso como os de insucesso de integração curricular das TIC, convergindo contudo as opiniões da grande maioria dos autores no que toca a considerar que uma efetiva integração das TIC no currículo implica investimento em dois domínios – na atitude dos professores e numa adequada capacitação para o seu uso (MENESES, 2012, p. 54 apud Silva & Miranda, 2005; Peralta & Costa, 2007).

Os desafios para uma educação de qualidade exigem mais e mais dos profissionais de educação. Dos professores se salienta maior qualificação no ensino que vir de uma formação continuada. Dentro dessa necessidade de qualificação há uma grande exigência por orientar o aluno a tornar-se emancipado de seus conhecimentos e aprendizados.

Percebe-se a importância em pesquisar os recursos disponíveis e apropriados para a realidade educacional que sejam significativos na contribuição e motivação para a aprendizagem.



Talvez o recurso ao uso das TIC na sala de aula, podem demonstrar mais motivação e interesse nas atividades e não, muitas vezes, fazendo as atividades por obrigação, ou de forma pouco responsável e, em alguns casos, desprezando uma grande parte da vida escolar (MENESES, 2012, p. 48, *apud*, GARRIDO, 1990; LENS, 1994).

É sumamente importante que os professores se apropriem das tecnologias não somente para motivar os alunos, mas especialmente para compreender a dinâmica e os processos ativos em nossa sociedade (RAMOS & COPPOLA, 2008-2009, p. 3). Ou seja, há uma grande possibilidade de aproximação entre professor e aluno no processo educacional por meio dos recursos tecnológicos desde que planejados, apropriados e com finalidades específicas.

Os recursos tecnológicos, como a internet ajudam a quebrar barreiras de localização e tempo trazendo uma maior abertura aos processos de ensino-aprendizagem. Essa concepção já vem sendo discutida por outros autores que reconhecem assim como Gadotti (2000) que o “ciberespaço rompeu com a idéia de tempo próprio para a aprendizagem (...), o espaço da aprendizagem é aqui – em qualquer lugar -, e o tempo de aprender é sempre”. (SANTOS & MOITA, 2001, p. 109 *apud* GADOTTI, 2000, p. 250). Além de possibilitar novas formas de comunicação e informação.

Entretanto, é essencial ressaltar que deve partir do professor a ampliação, continuidade e qualidade em sua formação capaz de emancipá-lo das ferramentas disponíveis e capazes de favorecer a própria motivação do professor no que se refere ao ensino. Vemos, portanto, uma via dupla com necessidade de apropriação até que sirva como recurso de motivação para o ensino.

PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia que empregamos para a produção deste artigo se deu em etapas. Inicialmente fizemos um levantamento bibliográfico sobre o assunto com o intuito de fundamentar o que compreendemos relevantes para a concepção da adolescência puramente discutida e em seguida do que pode servir como elementos motivadores para esses sujeitos.

A próxima etapa seguiu com uma pesquisa de campo, do tipo exploratório (SEVERINO, 2007), na qual o objeto deve ser explorado em seu próprio meio. Além de estudos qualitativos, por reconhecermos nessa abordagem uma maior relação entre o pesquisador e o objeto em estudo, sobre isso enfatiza Malheiros (2001), “as pesquisas qualitativas tentam compreender os fenômenos pela ótica do sujeito”. Assim, podemos construir nossa análise a partir do nosso olhar, criando hipóteses que deverão ser confirmadas e, por conseguinte teorizadas.



Os dados foram coletados por meio de questionários para ser respondidos por professores de escolas públicas e privadas no município Santa Cruz do Capibaribe, localizado no agreste pernambucano, com população estimada em 87.582 habitantes (IBGE, 2012). Foram oito as escolas pesquisadas, localizadas na zona urbana da cidade, sendo quatro escolas públicas (duas municipais e duas estaduais) e quatro escolas da rede privada de ensino.

Antes de ir a campo para fazer a pesquisa fizemos uma pesquisa “piloto”, para os professores, com o objetivo de identificar se as questões seriam suficientes para atender nossas indagações, ao que pudemos constatar que o questionário estava aquém do que necessitávamos. As questões ainda necessitavam de ajustes, uma vez que, uma das questões não estava clara para os professores que realizaram a pesquisa “piloto”. O que nos motivou a removê-la do questionário. Voltando aos objetivos de nossa produção, percebemos que seria necessário acrescentar uma questão que atendessem a um de nossos objetivos que estava deixando de ser contemplado.

Por fim, realizamos a análise das respostas do questionário utilizado (apêndice A), considerando os dados e relacionando-os com as abordagens e propostas dos autores que selecionamos durante nossa pesquisa bibliográfica.

O total de professores participantes da pesquisa foram oito, categorizados como PA (professor A, B, C, D, E, F, G e H). Quanto às escolas, categorizamos como E1 e E2 para as escolas públicas municipais, E3 e E4 para as públicas estaduais e E5, E6, E7 e E8 para as escolas privadas, conforme o quadro abaixo:





Professora	Escola	Área de Formação	Tempo Serviço	Nível Escolaridade	Vínculo Institucional	Setor de atuação
PA	E1	Pedagogia	09 anos	Superior	Efetiva	Fundamental I
PB	E2	Geografia	15 anos	Superior	Contrato Temporário	Fundamental II
PC	E3	Língua Portuguesa	16 anos	Superior	Efetiva	Ensino Médio
PD	E4	Educação Física	04 anos	Superior	Contrato Temporário	Ensino Médio
PE	E5	Pedagogia	08 anos	Superior	Fichada	Fundamental II
PF	E6	Língua Espanhola	04 anos	Superior	Contrato temporário	Fundamental II
PG	E7	Língua Portuguesa	04 anos	Superior	Contrato Temporário	Fundamental II
PH	E8	Língua Espanhola	04 anos	Superior Incompleto	Contrato temporário	Fundamental II

Quadro 1: Categorização dos professores. **Fonte:** autor

Essas e outras afirmações nos permitem refletir sobre: que tipo de educadores a escola tem em seu quadro funcional? Eles compreendem seus alunos? Sabem as especificidades correspondentes à faixa etária que aglomera a adolescência? Compreendem a influência que eles têm a partir das hierarquias postas pelas escolas? Tais indagações nos levaram a questionar desses professores sobre suas opiniões quanto a essa variação de assuntos e nos permitiu elencar respostas a partir do questionário aplicado aos professores.

RESULTADOS

Os dados quanto à *identificação* do professor pelo ensinar a alunos na fase da adolescência nos deram os seguintes resultados: todos afirmaram que gostam de ensinar aos adolescentes, mesmo justificando que os compreendem como sujeitos desafiadores, que incitam o prazer pelos “obstáculos” vencidos durante o processo de ensino-aprendizado. Afirmaram ainda que os educandos adolescentes exigem adequações na metodologia do ensino e em especial quanto as “distrações que eles apresentam durante as aulas, sendo necessária, muitas vezes, uma disputa com os recursos tecnológicos” (PE). Tais dados sobre à “disputa com os recursos tecnológicos” revelam a necessidade que Serafim & Sousa (2001) discutem, quanto, ao olhar sobre a apropriação destes recursos pelos docentes:



Assim, torna-se cada vez mais necessário que a escola se aproprie dos recursos tecnológicos, dinamizando o processo de aprendizagem. Como a educação e a comunicação são indissociáveis, o professor pode utilizar-se de um aparato tecnológico na escola visando à transformação da informação em conhecimento. (SERAFIM & SOUSA, 2011, p. 23)

Dessa forma, percebemos que os desafios nem sempre são os recursos tecnológicos, mas em determinados casos, é o uso dessas ferramentas enquanto mediadores do aprendizado e as propostas de motivação no ambiente pedagógico.

Em continuidade à exploração do tema “desafios para o ensino na adolescência”, o resultado da pesquisa feita com os educadores destacou que os professores reconhecem que os alunos adolescentes estão em uma fase de transição, onde as mudanças físicas merecem destaque na atenção dos professores, em especial na migração da “infância para a adolescência” (PG). Embora o termo adolescência não seja o apropriado para que o educador utilizasse aqui, mas sim adulto, compreendemos que há um reconhecimento de uma fase que acarreta mudanças, ou seja, é importante que os educadores percebam isso, pois, auxilia na compreensão de quem é seu educando e como agir com ele.

Vale ressaltar a importância na transição que marca e caracteriza a adolescência na contemporaneidade e que segundo Ferreira & Farias (2010, p. 1) “A sociedade contemporânea ocidental estendeu o período da adolescência, que não é mais encarada apenas como uma preparação para a vida adulta, mas passou a adquirir sentido em si mesma, como um estágio do ciclo vital”. Perspectiva essa, que auxilia na compreensão do *ser adolescente* pelo educador.

Um destaque compreendido como desafio é apontado pelo professor PD quanto “a tolerância ao uso do celular em aulas”. A resposta desse educador ajuda-nos a perceber que há professores que ainda não conseguiram utilizar algumas das ferramentas tecnológicas como seus aliados no processo do ensino-aprendizado. Tal situação desponta para a prática de professores que foram “vencidos” por alguns desses recursos, não inserindo em sua didática ações que favoreçam a relação dos educandos e as tecnologias e que não atentam para o fato de que “é notória a presença cada vez mais constante de novas tecnologias no cotidiano de muitos alunos. Recursos tecnológicos fazem cada vez mais parte do dia-a-dia dos educandos do que livros [...]” (SERAFIM, 2013, p. 12). Essa superação de novos recursos tecnológicos pelos livros didáticos expõe a necessidade de perceber o novo tipo de clientela que ocupa as salas de aula, uma vez que, a interação é o que determina a ação de muitos sujeitos.

Outra afirmação feita pela professora PA corresponde à questão que indaga sobre os desafios para o ensino com adolescentes e afirma: “Acompanhar o avanço tecnológico e nele encontrar apoio



para a prática profissional direcionando-os aos educandos” (PA). Sobre isso encontramos a definição de que: “Um dos problemas mais debatidos quando se fala em escola e os jovens de hoje é justamente o distanciamento que há entre a cultura escolar e a cultura da juventude” (SERAFIM & SOUSA, 2011, p.23). A afirmação da professora juntamente com a citação dos autores nos leva a reflexão sobre a busca por um equilíbrio entre as culturas expostas capaz de harmonizar o ambiente pedagógico.

Todavia, algo que nos chamou bastante a atenção foi a resposta da professora PE, pois, considera como maior desafio para o ensino durante a adolescência o “controlá-los e fazer com que fiquem atentos às informações transmitidas” (PE). Essa afirmação da professora permite-nos destacar algumas ações que estão sendo superadas. Em primeiro lugar a ideia de *transmissão de informações*, colocando assim o professor enquanto o produtor dessas informações e os alunos como os receptores, ou seja, não se percebe que os sujeitos educandos não são mais aqueles que apenas recebem, mas, são aqueles que agem sobre o conhecimento, além da justificativa de *controlá-los*, não refletindo na criticidade que os educandos já são capazes de despontar, especialmente na adolescência onde não apenas recebem informações, mas constroem em grupos, na parceria professor-aluno e aluno-aluno. Serafim e Sousa (2011, p. 45 apud Silva, 2003) discorrem afirmando que “o professor que busca interatividade com seus alunos propõe o conhecimento, não os transmite”. Infelizmente ainda identificamos a escola atrasada com questões mais recentes, mas também com situações como essas que apontam uma prática bastante tradicional.

A problematização sobre a compreensão da importância de manter vínculos de amizade com os alunos teve, em sua maioria respostas afirmativas, reconhecendo que a amizade com os educandos favorece o ensino-aprendizado tanto “nas discussões sobre diversos assuntos” (PB), quanto na “transformação dos alunos que muitas vezes não participavam da aula, ou são considerados ‘problemas’” (PG).

Embora esses educadores mantenham a convicção da positividade em manter vínculos de amizade com os alunos, todos esses percebem como necessário manter pulso firme em alguns momentos. Essa atitude nos permite relacionar com a necessidade do adolescente em que sejam estabelecidos limites em sua educação, uma vez que, esses limites podem apontar um cuidado e ainda um desejo por sua qualidade de vida, nesse caso na educação. Em geral, vai apontar a





necessidade de responsabilidades que passam a ser adquiridas, “a normalidade do adolescente implica também responsabilidade” (BOSSA, 2011, p. 234).

Ainda obtivemos respostas negativas quanto aos vínculos com os alunos fora da sala de aula, assim como a resposta da professora (PA) ao afirmar que “os vínculos são restritos, apenas quando necessários, pois não considero muito bom o excesso de amizade entre ambos, apenas estabeleço uma boa relação, ouvindo-os e sendo ouvida”. A resposta dessa professora lembra as respostas de alguns alunos sobre esse mesmo tema, quando afirmaram que amizade com o professor pode atrapalhar no profissionalismo do mesmo. Ou seja, há um reflexo na ação de alguns educandos que restringem a relação professor-aluno.

Acredita-se que um dos principais motivos deste distanciamento é a falta de espaços comunicativos na escola, que certamente permitiriam uma maior participação dos discentes. Por isso, diante da complexidade juvenil, é necessário aos ambientes educacionais instaurar espaços de negociação entre educadores e educandos, possibilitando uma troca de posições e visões de mundo que permitam uma aproximação entre estas duas culturas num mundo de aprendizagem e cultura digital. (SERAFIM & SOUSA, 2011, p. 23-24)

Valendo-se, portanto, afirmar que os docentes devem reconhecer a necessidade de práticas que valorizem a participação e presença dos educandos, além de identificarem a influência da amizade e afetividade no processo ensino-aprendizado.

Sobre o que os educadores consideraram mais favorável para o processo de ensino com adolescentes as respostas foram variadas:

Os usos da leitura, debates, novas tecnologias (PC)
A facilidade de assimilação (PD)
A energia dos educandos (PE)
Permite trabalhar os conteúdos de maneira mais dinâmica (PF)
A família visitar sempre a escola (PB)

As respostas apresentam características típicas dos adolescentes, assim como, dinâmica, energia e facilidade de assimilação que se bem reconhecidas podem favorecer o ensino-aprendizado.

Quanto ao uso dos recursos tecnológicos, todos os professores afirmaram que as escolas onde trabalham possibilita o uso de recursos tecnológicos para as aulas e apontaram como principais recursos tecnológicos que utilizam: Data Show, TV, DVD, Computador e Tablets. Todavia, comparando essas respostas com as dos alunos, identificamos discrepâncias muito bruscas, uma vez que os alunos afirmaram que não assistem aulas com recursos tecnológicos e que gostariam muito que houvesse. Ou seja, é provável que as respostas dos professores estejam



relacionadas a práticas isoladas e não apontem uma continuidade e por essa razão os alunos, por não verem a frequência disso acontecendo, afirmem que não há aulas com recursos tecnológicos. E ainda revela que, “O preparo dos docentes brasileiros para a utilização de mídias e objetos digitais como materiais didático-pedagógico ainda é insipiente”. (SERAFIM & SOUSA, 2011, p. 25)

Outra questão que elencamos foi quanto ao uso de softwares educacionais ou não, mas que os professores utilizavam para esse fim. Sobre isso, mais uma vez, todos afirmaram fazer uso de softwares em destaque o Power Point, Microsoft Word, PDF e a Calculadora digital, todavia, comparando com as respostas dos alunos que afirmaram não haver o exercício dessa prática em sala de aula permite a compreensão de que esses softwares são utilizados pelos professores, mas não são ensinados a usar com domínio pelos educandos. Não permite a autonomia no uso desses softwares pelos sujeitos. Tajra (2008) discutindo sobre o uso dos softwares nos ambientes educacionais afirma:

Entretanto, vale ressaltar que inúmeras escolas não têm utilizado essa modalidade de forma adequada deixando os computadores já ligados e com os programas acessados, para que o aluno, ao chegar ao ambiente de informática, de forma mecânica, utilize as opções do programa. Desta forma, o aluno, não efetua nenhuma prática de ligar o computador, abrir os programas, portanto não percebe o conjunto das relações existentes entre as utilidades reais do computador e a técnica em si. O professor deve ficar atento para uma real adequação de softwares às suas ações na sala de aula. Muitos acham que só por estarem utilizando softwares educacionais já estão efetuando a prática da informática na educação. (TAJRA, 2008, p. 49)

Ao analisarmos esses dados lembramos que em entrevistas particulares indagamos aos educandos se os mesmos receberam do governo os tablets destinados a alunos no estado de Pernambuco e em duas escolas, E3 e E4, os alunos receberam estes equipamentos, ao que instigamos: e vocês os utilizam em sala para as aulas? Responderam: “não, os professores nunca solicitam” o que evidencia uma enorme necessidade de transformação na concepção da educação com uso de tecnologias.

Sendo assim, é importante que os educadores apropriem-se dos recursos disponíveis, que: se aliem aos novos saberes de formação como requisito de uma sociedade tecnológica, sujeitem-se a tornar-se mediador dos conhecimentos não apenas os destinados à educação propriamente dita, mas em especial, a tudo o que venha contribuir para uma formação integral dos sujeitos em sala de aula, focando sempre o educando.

Não oferecer acesso a essa nova tecnologia é omitir o contexto histórico, sociocultural e econômico vivenciado pelos educadores e educandos. É imprescindível que os educadores possam visualizar quais são as reais tendências para as economias do futuro e estejam aptos





para participarem de um processo de ensino-aprendizagem que de fato prepara cidadãos conscientes de seus direitos e deveres numa sociedade globalizada. (TAJRA, 2008, p. 13)

Sendo esse o reconhecimento do professor PD ao acrescentar que os educandos adolescentes “são participantes de uma nova geração tecnológica” (PD). Ao que devemos ressaltar a necessidade do que Pretto (2010, p.23) destaca sobre o assunto ao propor que “assim estaremos, quiçá, transformando escolas, professores e alunos em animados produtores de conhecimentos e culturas e não em meros consumidores de informações”.

Tal conhecimento deveria ser comum entre os educadores, pois a geração de educandos que está nas escolas não age mais da mesma forma que antes, querem realmente interagir e conectar-se como mundo ao seu redor. E, tendo em vista as várias distrações no mundo tecnológico, é importante que o educador aproprie-se com maior intensidade dos recursos disponíveis e suas projeções para um ensino eficaz.

Os jovens usam tecnologias, simplesmente usam. A tecnologia auxilia, media, faz parte do acervo que nos capacita a obter informações com facilidade. A sociedade está mudando seu modo de pensamento (comunicação, interpretação e negociação). Não dá para conviver com uma adolescência atenta e interativa por nossos velhos parâmetros. É preciso novas estratégias para lidar com nosso futuro que já é digital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão por conceituar e caracterizar a educação e os sujeitos educacionais é algo de amplitude extrema e que consideramos inacabável, assim como o fazer-se educando e educador. Todavia, consideramos válida uma pesquisa que objetive refletir sobre seu lócus de ação e suas práticas com o intuito de atuar com consciência pedagógica.

Os estudos que visam identificar as problemáticas envolvendo a adolescência e os processos educacionais para essa fase da vida estão cada vez mais acessíveis aos educadores, basta o interesse por buscar informações válidas e capazes de dinamizar o ensino. Para isso, se propõe que o professor seja pesquisador e esteja atento às necessidades de sua clientela.

Questões como autonomia e emancipação dos sujeitos, ao que parece, devem fazer parte da relação do professor para com o aluno. Todavia, discursar sobre essa temática é relativamente fácil, mas, o que de fato se exige do professor é a coragem e a disposição de transitar pelas capacidades cognitivas dos alunos, numa perspectiva de construção do conhecimento.

Compreendendo que ensinar envolve ação e contexto, defendemos que a autonomia proposta ao educando não é de exclusividade ao professor, mas deve ser uma colaboração entre pais, educadores e tantos outros que interferem nas relações do cotidiano dos adolescentes.

Os dados obtidos com a pesquisa, que aqui discutimos, mostram que a escola tem encarado o fato do educando adolescente estar em uma fase temporária e que pode alterar significativamente seus comportamentos sociais. Mesmo com algumas dificuldades e/ou conflitos nas relações dos sujeitos em sala de aula. Identificamos que em sua maioria essas relações são significativas e porque não dizer proveitosas.

Percebemos que o docente encara as transformações dessas novas gerações, que não se conforma mais em apenas assimilar conhecimentos, mas quer interagir e participar, não de forma passiva, mas ativa em cada construção de suas relações, embora ainda, os docentes se mostrem em dilemas do como agir com esses adolescentes.

Identificamos que os recursos tecnológicos educacionais podem contribuir com as aprendizagens e as mudanças sociais que exigem do educador e do educando novas posturas. Destacando o aperfeiçoamento das práticas educacionais num nível profissionalizante para um agir mais significativo e contextualizado com essa demanda social que se apresenta.

Assim como a percepção de que os educandos fazem parte de uma nova geração onde o tecnológico quase que impera em suas relações. Estes nascidos em uma era digital, ou seja, os chamados nativos digitais consequentemente apresentam um bom nível de letramento digital, que por vezes deixa para trás não somente os educadores, mas especialmente processos e políticas educacionais.

Ao que cabe a análise por parte dos educadores sobre autores como: TAJRA (2008), PRETTO (2010), SERAFIM (2013) e ainda outros, que fomentam, com qualidade, a atuação dos docentes com manejo das tecnologias e a coerência da relação educacional entre as instâncias e modalidades de educação no sentido mais amplo das vivências nas escolas.

Consideramos de extrema importância o interesse por compreender quem são os sujeitos educandos adolescentes e quais suas motivações durante o processo de ensino aprendizagem, o que não é tarefa simples, mas que exige profundas reflexões e ensejo por adquirir propostas para a ação pedagógica. Sugerimos, assim, a continuidade dessa pesquisa com o intuito de ampliar a atuação educacional nessa área.

REFERENCIAS

MALHEIROS, Bruno Taranto. A pesquisa Científica em Educação. IN **Metodologia da pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro LTC, 2011.

MENEZES, Natércia do Céu Andrade Pesqueira. **Motivação de alunos com e sem utilização das TIC em sala de aula**. Universidade Portucalense. Infante D. Henrique. Departamento de Inovação, Ciência e Tecnologia. Fevereiro de 2007.

PRETTO, Nelson. **Professor em Rede**. Revista TV Escola | maio/junho 2010.

RAASCH, Leida. **A Motivação Do Aluno Para A Aprendizagem**. Faculdade Capixaba de Nova Venécia. Credenciado pela portaria Nº 1.299 de 26 de Agosto de 1999, publicada no Diário Oficial da União.

RAMOS, Marli. & Neusa Ciriaco Coppola. **O Uso Do Computador E Da Internet Como Ferramentas Pedagógicas**. 2008-2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2551-8.pdf>. Acesso: 14 de Novembro de 2014

SERAFIM, Maria Lúcia. **Tecnologias em seus múltiplos cenários**. Maria Lúcia Serafim, Marta Lúcia de Souza Celino, Patrícia Cristina de da Aragão Araújo, Roseane Albuquerque Ribeiro, Rosemary Alves de Melo (Organizadoras). Ed. Universitária da UFPB. João Pessoa PB, 2013.

SOUSA, Robson Pequeno. **Tecnologias Digitais na Educação**. Robson Pequeno de Sousa, Filomena M. C. da S. C. Moita, Ana Beatriz Gomes Carvalho (Organizadores). EDUEPB Campina Grande PB, 2011.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na Educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade**. 8ª ed.rev. e ampl. São Paulo: Érica 2008.

<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=261250&search=|santa-cruz-do-capibaribe>

Apêndice - A

Pesquisa para análise de dados e produção científica

Formação: _____

Tempo de experiência na área de educação: _____

Vínculo institucional: _____

Tipo de Instituição que trabalha: _____

- 1- Você gosta de ensinar a educandos na faixa etária correspondente ao período da adolescência? Justifique?
- 2- O que você considera como principais desafios para o ensino durante essa fase do desenvolvimento humano (Adolescência)?
- 3- Você costuma manter vínculos de amizade e interação com os alunos dentro dos espaços escolares? Percebe como importante essas interações para o processo de ensino-aprendizado?
- 4- O que você considera mais favorável para o ensino com adolescentes?



- 5- Em suas aulas você costuma apresentar novos conteúdos a partir do uso de recursos tecnológicos? Se sim, descreva quais?
- 6- Você acredita que os recursos tecnológicos podem servir de elementos motivadores para o processo de ensino-aprendizado?

6.1 Acredita que eles por si mesmos podem transformar a educação e a forma de ensinar?

- 7- A escola que você trabalha possibilita a inovação do ensino com recursos tecnológicos?

() Sim () Não

() Há flexibilidade por parte de gestores e coordenadores para o uso desses recursos?

() Tem Laboratório de Informática?

- 8- Você costuma utilizar em sua didática softwares (educacionais ou não, porém que você utiliza para esse fim)?

Sim () Não ()

Se sim aponte alguns

() Power Point

() Prezzi

() Calculadora Digital

() Microsoft Word

() Windows Movie Make

() PDF

() Outros _____

- 9- Como você percebe as transformações dessas novas gerações, que não se conforma mais em apenas assimilar conhecimentos, mas quer interagir e participar, não de forma passiva, mas ativa em cada construção de suas relações?